

## Genética, biotecnologias e a pedagogia cotidiana do medo

Quem nunca teve a impressão de carregar, dentro de si, uma "bomba-relógio", pronta a ser detonada por comportamentos considerados impróprios pelos especialistas? (...) vamos aprendendo a ter esperança e otimismo frente aos benefícios médicos que podem vir da Biologia, e a ter confiança na Ciência e nos seus cientistas.

Desde 2004, no Brasil, a "novidade biotecnológica" que tem movimentado os meios de comunicação é a alegada possibilidade de utilização de células-tronco adultas e embrionárias no combate ao envelhecimento, no reparo de tecidos e órgãos lesados, bem como no tratamento de uma miríade de doenças e condições, genéticas ou não. O sítio de uma empresa brasileira de biotecnologia, por exemplo, oferece a pais e mães amorosos e dedicados "o poder de preservar essa fonte de vida [o cordão umbilical do bebê], congelando as células-tronco do sangue do cordão, depois do nascimento". Tal poder equivaleria à contratação de um "seguro biológico para o bebê e até para a família", nas palavras da própria empresa, já que o corpo humano é representado como "frágil", "passível de deterioração" com o passar do tempo e potencialmente doente.

E na mídia em geral, estatísticas não faltam para reforçar essas representações: freqüentemente, somos alertados de que mais de 1500 doenças são causadas, pelo menos em parte, por fatores genéticos; uma pessoa em cada 20, ao chegar aos 25 anos "ou uma pessoa em cada tres, até o final da vida", sofrerá de alguma doença genética; além disso, segundo o referido sítio, "cada filho é único, e a probabilidade de irmãos serem perfeitamente compatíveis é de um para quatro" (assim, "não é possível prever se uma das crianças " e qual delas " eventualmente necessitará de um transplante?). Mundana e catastroficamente, diversas instâncias culturais nos apresentam nossos "demônios internos" e, claro, nossa salvação; mostram danação, sofrimento, morte e incapacitação física, mas também mostram curas "fantásticas", tratamentos "revolucionários", soluções "milagrosas" e alternativas "viáveis" para o envelhecimento e a perda. A vontade parece ser quase sempre a mesma: estender a vida humana, de modo a torná-la cada vez mais produtiva; "aliar tecnologia, conhecimentos e segurança para (...) proteger a vida" " a missão da já referida empresa de biotecnologia.

Quem nunca se maravilhou com os avanços da medicina, "materializado" nas experiências com células-tronco e nas novas terapias gênicas? Quem nunca teve a impressão de carregar, dentro de si, uma "bomba-relógio", pronta a ser detonada por comportamentos considerados impróprios pelos especialistas? E quem " sabendo de um serviço de coleta de sangue de cordão umbilical " nunca cogitou garantir a saúde futura de um filho?

Em meio a essa "bioforia" (Van Dijck, 1998), não somos meros espectadores, mas ativos e participantes consumidores de qualquer novidade nesse campo, aprendendo alguns modos de ser pai/mãe responsáveis (por exemplo, atentando para os riscos " essa pedagogia cotidiana do medo " e os limites do corpo e da vida), bem como determinados jeitos de planejar nossas ações futuras. Também vamos aprendendo a ter esperança e otimismo frente aos benefícios médicos que podem vir da Biologia, e a ter confiança na Ciência e nos seus cientistas. E, enquanto educadores, penso que precisamos estar muito atentos a essas lições e a essas novas configurações da vida contemporânea " questionando práticas corriqueiras e desconfiando de condutas e " necessidades" aparentemente óbvias e naturais.

### Referência Bibliográfica:

- VAN DIJCK, José. *Imagination. Popular images of genetics*. Washington Square, New York: New York University Press, 1998.